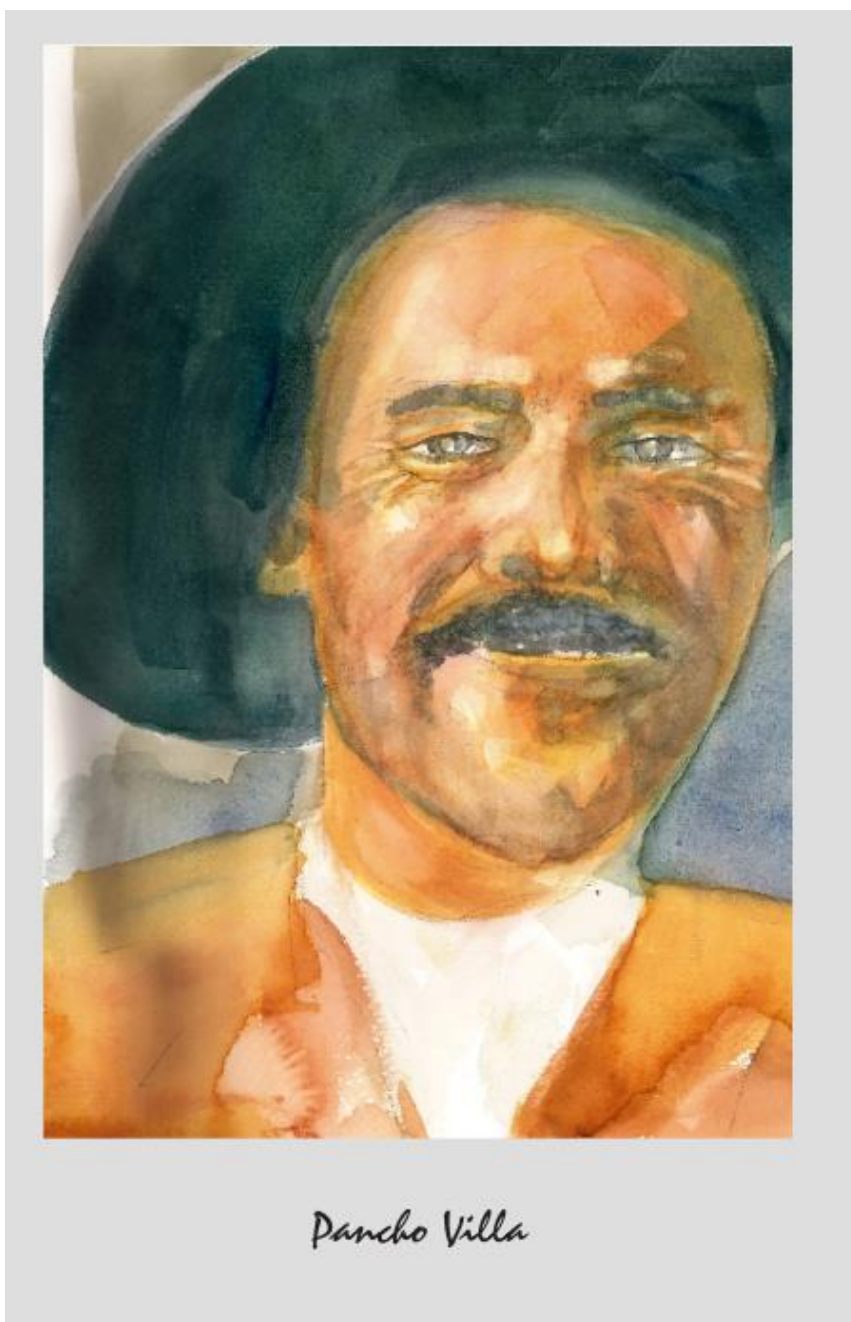


A REVOLUÇÃO MEXICANA DE 1910 VISTA DESDE A LONGA DURAÇÃO HISTÓRICA

The Mexican Revolution of 1910 Seen from the Long Historical Duration

Carlos Antônio **AGUIRRE ROJAS** (Professor e pesquisador da Universidade Nacional
Autônoma do México (UNAM))

Tradução: Fernando Sarti Ferreira



Duração Histórica

“Para o Historiador, aceitar [a longa duração histórica] é uma mudança de estilo, de atitude, uma inversão radical do pensamento, uma nova concepção do social (...) Em qualquer caso, é em relação a estas camadas da história lenta que a totalidade da história pode ser repensada...”

Fernand Braudel, *“História y ciencias sociales. La larga duración”*, 1959.

Há cem anos de sua saudável e necessária irrupção dentro da história do México, a Revolução Mexicana de 1910 está novamente em debate. E isso pelo simples afã memorial e comemorativo que desde algumas décadas vem se propagando com força em todas as sociedades do planeta, fazendo com que governos, universidades, intelectuais, e as mais diversas instituições, se encontrem à caça de todo possível acontecimento, fenômeno ou processo histórico que possa ser, precisamente, festejado, recordado, comemorado e celebrado, por cumprir certo número de anos, de lustros, de décadas ou séculos. E tudo isso dentro de uma lógica que, longe de simplesmente recuperar o passado, pretende atualizá-lo seletivamente, resgatando personagens, façanhas, processos ou situações que, de fato, sirvam para legitimar e reforçar os processos, grupos sociais e personagens do nosso mais atual presente.¹

Por isso, tão ou mais importante que os personagens, ou processos, ou acontecimentos comemorados, é a maneira específica de como são comemorados e recordados, reiterando uma vez mais o processo, várias vezes sinalado, da necessária ressignificação e uso do passado em função das necessidades e encruzilhadas de cada presente que o recupera e comemora.² E, neste contexto, é paradoxal verificar que, no caso do México e desta comemoração dos 100 anos da Revolução Mexicana, quem deve levar a cabo essa celebração é um governo conservador e de ultradireita, ou seja, o herdeiro direto daqueles grupos, precisamente conservadores, pró-norte-americanos e reacionários, que foram justamente combatidos e derrotados pela Revolução Mexicana de 1910-1921.

É o que provavelmente explica o desinteresse do atual governo conservador mexicano frente à dupla comemoração do Bicentenário da Independência do México e do Centenário da Revolução Mexicana, uma vez que nomeou, como responsáveis destas celebrações, personagens de um baixo nível intelectual generalizado. Ou também o fato de que, nestas celebrações, estejam incluídos atos como a remodelação de um balneário turístico, a inauguração de uma nova rodovia ou a construção de um conjunto de edifícios, junto a Colóquios supostamente acadêmicos ou séries de televisão com a participação, em sua maioria, de especialistas em temas que nada têm a ver nem com a Independência, nem com a Revolução mexicana.³ Pois, por mais que em ambos os processos históricos as classes populares e os setores subalternos foram ao fim derrotados, contudo, também terminaram vencidos e marginados, nestes mesmos processos, aqueles setores conservadores e retrógrados cujos descendentes históricos são os que governam o México há 10 anos (ainda que, nos últimos quatro anos, somente por meio de uma escandalosa e vergonhosa fraude eleitoral descarada e aberta).

Esta situação paradoxal, de um governo de direita que deve celebrar e comemorar seus inimigos históricos nos obriga a transcender todo este superficial e vazio processo das comemorações oficiais e da história e memória também oficiais para, por outro lado, tratar de estabelecermos interrogantes mais sérias e profundas, redefinindo o processo de um século da Revolução Mexicana dentro dos horizontes da longa duração histórica e dos diferentes tempos

históricos, do rico e complexo itinerário da evolução mexicana, nos permitindo aceder a um balanço crítico e muito mais científico do que significou e implicou esse processo de 100 anos. Mas também, da vigência de suas principais lições, dentro das lutas e das encruzilhadas atuais que vive o México hoje, nas claras vésperas de um novo 2010 também *histórico*, e não só cronológico.⁴

Então, e tratando de avançar nesse balanço crítico do processo da Revolução Mexicana, visto a partir dessas estruturas da história profunda que nos ensinou Fernand Braudel, poderíamos nos perguntar: como se apresenta a Revolução Mexicana de 1910 quando a miramos do observatório privilegiado que é o registro da longa duração histórica? E que balanço global podemos fazer do papel que desempenhou essa Revolução Mexicana dos princípios do século XX cronológico, quando a observamos dentro da curva mais global do desenvolvimento histórico do México? Mas também, qual papel cumpre esta Revolução Mexicana dentro do avanço e do desenvolvimento mais geral das lutas das classes subalternas e populares de todo México? E que avaliação geral podemos estabelecer a respeito dos logros e conquistas, e por outro lado, dos limites e das derrotas, que para esses setores, grupos e classes subalternas implicou este acontecimento fundamental da Revolução Mexicana, há cem anos de distância de sua benéfica e reivindicável irrupção?

Acreditamos que, para entender todos esses problemas e para podermos dar uma resposta adequada aos mesmos, é sem dúvida necessário apartar-nos da visão *oficial* da Revolução Mexicana, quer dizer, desta história oficial promovida desde o poder e majoritariamente legitimada dentro do mundo acadêmico mexicano. Uma história sempre centrada nos Presidentes, nos líderes, nos caudilhos, e que ignora olímpicamente o verdadeiro e fundamental papel das classes e grupos sociais subalternos de nosso país, dos indígenas, dos camponeses, dos operários, das mulheres, dos setores pobres das cidades, ou seja, de todo esse vasto leque que são as classes subalternas mexicanas.

A história oficial construída pelos vencedores provisórios dos combates travados na Revolução Mexicana que, como toda história oficial, está repleta de mitos e falsas lendas, sendo uma história glorificadora do passado, mas sobre tudo, legitimadora e justificadora de nosso mais atual presente. Portanto, e passando uma vez mais a escova da história à contrapelo nestas versões oficiais, e tratando de adentrarmos nos territórios das verdadeiras *contra histórias* das classes e dos setores populares, talvez possamos prover alguns elementos importantes para responder às interrogantes antes colocadas.

Assim, e tratando de observar esta Revolução Mexicana de 1910-1921 desde os horizontes⁵ da larga duração, ela se revela como uma *tentativa monumental* levada a cabo por essas classes subalternas mexicanas, no sentido de obter, por vias radicais, a possibilidade de *transformar seu próprio destino e o destino mesmo do México*. Tentativa monumental que, igual ao caso da Revolução Francesa, ou também ao da Revolução Russa, adquiriu clara e rapidamente uma dimensão *nacional* e uma profundidade *social global* extraordinária, ainda que alcançando, no caso do México, um resultado *diferente* ao das outras duas revoluções acima mencionadas.

Porque não devemos nos esquecer que, apesar de sua imensa magnitude e de sua profunda repercussão, a Revolução Mexicana foi, no que diz respeito a estas classes subalternas de nosso país, uma revolução *derrotada*. Portanto, enquanto a Revolução Francesa por um lado, e pelo outro a Revolução Russa, lograram efetivamente desenvolver uma transformação global radical em suas respectivas sociedades e nações, ao contrário e por este caráter de revolução popular derrotada, a Revolução Mexicana gerou uma transformação muito mais

matizada, menos radical, e muito mais desigual nas distintas áreas e campos do vasto tecido social mexicano. Transformação desigual, matizada e muito menos radical, que se explica precisamente em virtude da derrota dos setores camponeses mexicanos que participaram dentro do vasto movimento social de 1910-1921, setores camponeses estes que, sem dúvida, foram seus principais protagonistas.

Deste modo, e dentro desta perspectiva comparada⁶ que esboçamos agora, é evidente que a Revolução Francesa conseguiu abolir, total e radicalmente, o sistema feudal francês, criando desde os resultados desta abolição profunda e global, a sociedade burguesa moderna da França dos séculos XIX e XX cronológicos, além de ter gerado, simultaneamente e tal qual assinalou claramente em seu momento Karl Marx, o *modelo universal* do sistema político moderno, ou seja, a forma clássica e paradigmática do moderno Estado democrático burguês.

Por sua vez, a Revolução Russa também conseguiu como seu principal resultado a eliminação total do regime político czarista e, sobretudo, do sistema social baseado na servidão camponesa russa, pretendendo até o ousado objetivo de forjar, pela primeira vez em toda a história humana, e dentro de uma escala nacional, um sistema *não capitalista* (o que, lamentavelmente, não conseguiu ao fim, gerando por outro lado um estranho capitalismo russo, muito desenvolvido em certas áreas e menos desenvolvido ou mesmo muito pouco desenvolvido em outras).

Por outro lado, e a partir desta mesma perspectiva, o que a Revolução Mexicana conseguirá lograr como seu central e fundamental resultado será somente o deslocamento da hegemonia global sobre o projeto nacional dos grupos do centro do México ou do “país central” do México, para os grupos do “país do norte”,⁷ para a hegemonia do chamado “Grupo Sonora”. Recentralização importante de hegemonia, em torno da condução do projeto global da nação mexicana que ao implicar na mudança de uma fração da classe dominante muito mais conservadora e vinculada ao velho latifúndio por outra fração dos setores sociais hegemônicos muito mais moderna e vinculada com as mais novas relações capitalistas, vai provocar, junto com esse deslocamento, certas mudanças importantes no plano econômico, social, político e cultural, acelerando certas tendências já presentes no México desde o período do Porfiriato.⁸

Desse modo, e longe da transformação radical social global que conheceram França e Rússia com suas respectivas revoluções dos séculos cronológicos XVIII e XX respectivamente, no México, ao contrário, a Revolução Mexicana provocou somente transformações, mesmo que sem dúvida importantes, na economia, na sociedade, na estrutura política e na cultura do país, ao dar pela primeira vez a hegemonia em todos esses planos a este novo e recém-nascido país que era o “país do Norte”, porém sem conseguir transformar nem o *rumo* nem o *status geral* do que era o México no século XIX.

Porque, para mensurar na medida certa o impacto real que dentro da longa duração histórica tem esta Revolução Mexicana, é necessário partir da lembrança e da persistência do fato que, mesmo *depois* desta revolução, o México continuou sendo um país *dependente*. Isso quer dizer, e coloca-se contra um dos mitos tenazmente alimentado dentro da tosca e empobrecida historiografia oficial mexicana,⁹ nem na Revolução da Independência (como é chamada comumente e sem ironia alguma) de 1810, tampouco na Revolução Mexicana de 1910, o México nunca conquistou sua verdadeira *independência integral*, ou seja, sua independência econômica, social, política e cultural em geral.

Pois como é evidente, ainda hoje, neste ano de 2010, o México continua sendo um país estruturalmente *dependente*, e isso tanto nos âmbitos da economia, da tecnologia, do comércio

ou das finanças, como também nestas vastas zonas que são as esferas das relações sociais, da política internacional e inclusive nacional, assim como da própria cultura, da educação e da arte em geral. Assim, o que realmente provocou a Revolução Mexicana foi simplesmente uma *mudança dos centros* pelos quais se estabelecia essa cadeia múltipla de nossas diversas *dependências*, transferindo-as dos países hegemônicos centrais da Europa do século XIX, para o domínio agora geral, em todos esses campos, dos Estados Unidos da América.

Por outro lado, e junto à manutenção desta condição de dependência múltipla em relação aos sucessivos centros dominantes da economia mundial, o México continuou sendo também, depois desta Revolução de 1910, um país *periférico*, pobre e subdesenvolvido. Pois, apesar das importantes transformações geradas nos planos econômico e social pela Revolução Mexicana, estas mudanças não foram capazes de modificar nem as condições de dependência, tampouco as de pobreza e atraso estrutural de nosso próprio país. Além disso, o México continuou sendo depois desta Revolução nos primórdios do século XX cronológico, um país predominantemente *camponês* que, ainda que tenha começado a se industrializar, não conseguirá modificar seu caráter de nação fundamentalmente agrária, senão no último terço do século XX cronológico recém-transcorrido.

Estas condições dependente, periférica e camponesa do México que, sendo realidades e elementos estruturais e *determinantes* de toda a sociedade mexicana e do destino global que ela mesma havia experimentado durante vários séculos, vão permanecer substancialmente inalteradas depois do vasto movimento social de 1910-1921. Junto a isso, também vão manter-se e inclusive acelerar enormemente, certos processos que já haviam começado a se desenvolver desde o período do Porfiriato, os quais graças às importantes transformações geradas pela Revolução Mexicana, adquiriram uma profundidade, velocidade e ritmo muito maiores do que poderiam ter conseguido antes de 1910.

Assim, por exemplo, o México continuará vigorosamente, depois de 1921, com o processo de integração de seu mercado interno nacional, graças ao fato de que as principais barreiras ao seu desenvolvimento foram efetivamente derrubadas, em sua grande maioria, durante o conflito social de 1910-1921. E logicamente, junto a este processo de acelerada integração de seu mercado interno nacional, vai agilizar o processo de formação da burguesia nacional, primeiramente camponesa e, em um segundo momento, propriamente industrial, ao tempo em que se consolida mais nitidamente o processo geral de industrialização do México.

Ao mesmo tempo, e de maneira complementar a este processo de consolidação do mercado interno nacional, vai se desenvolver igualmente um processo acelerado de urbanização em nosso país, urbanização esta que não é mais que uma das tantas expressões do processo mais global da “modernização” capitalista do México¹⁰ que, infelizmente, será calcada nestas novas condições de dependência geral de nosso país que se estabelecem em relação aos Estados Unidos da América do Norte, sobre o limitado e empobrecido modelo do *american way of life*.

Então, e como outras diversas expressões deste mesmo, e agora mais veloz processo de “modernização” capitalista do México, também vai se reestruturar a configuração global das estruturas de classes anterior, criando concomitantemente dentro de nosso país uma nova elite política e também um novo Estado, desenvolvendo igualmente novas formas culturais, sociais e inclusive civilizadoras em geral.

Se a Revolução Mexicana manteve intocados certos aspectos estruturais da situação global de nosso país, ao mesmo tempo que acelerava em grande escala alguns dos processos e

tendências já presentes dentro da etapa histórica do Porfiriato, induzindo também a certas mudanças importantes nos distintos níveis da realidade social mexicana, é claro que os efeitos de todos estes resultados mencionados provocados por este vasto movimento social do começo do século XX cronológico, não são os mesmos, de um lado, para as elites e setores sociais hegemônicos, e do outro, para os amplos e diversos setores, classes e grupos constitutivos do variado mundo da subalternidade social.

Por isso, e para podermos ter uma avaliação mais precisa destes efeitos diferenciais, urge detalhá-los com mais cuidado, discriminando ao mesmo tempo as consequências que essas transformações gerais, estes processos acelerados e estas permanências históricas tenazes tiveram para essas classes dominantes e hegemônicas do México e, também, em outro nível, para essas classes populares e subalternas de nosso país.

Uma chave essencial que explica o porquê da modernização capitalista e as transformações sociais que a acompanham não terem sido no México tão profundas, completas e integrais como foram nos casos muito mais globais e radicais das revoluções triunfantes da França em 1789 e da Rússia em 1917, se deve ao fato de que as classes subalternas mexicanas foram, como já mencionamos antes, *derrotadas* dentro da Revolução Mexicana. Fato que, naturalmente, atenua o resultado geral desta Revolução e provoca transformações muito mais limitadas, matizadas, parciais e fragmentadas que nos casos francês e russo recém-invocados.

No entanto, e apesar desta derrota, está claro que estas classes subalternas mexicanas alcançaram, em uma determinada fase do período crítico da Revolução Mexicana, *um ponto excepcionalmente alto de sua rebelião e de seu protagonismo* dentro do processo geral de transformação da segunda década do século XX cronológico. E isso se manifestou de maneira mais aguda e evidente nos meses de novembro e dezembro de 1914 que, desde o ponto de vista destas classes populares, constituem o verdadeiro *ponto crítico* definitivo de toda sorte e destino da Revolução Mexicana. Ou seja, esse “instante de perigo” de que fala Walter Benjamin em suas brilhantes e luminosas *Teses sobre a História*, instante de perigo em que todas as forças fundamentais de uma batalha se encontram presentes e pela qual se decidirá aquele futuro entre todos os possíveis que finalmente se imporá sobre o resto.

Pois é justamente nestes meses finais de 1914 que se decide, desde a perspectiva das classes subalternas mexicanas, *toda a sorte e destino geral* desta Revolução Mexicana.¹¹ Já que depois da Convenção Nacional Revolucionária, que foi o ponto de encontro de *todas* as forças, classes e dos grupos subalternos fundamentais atuantes dentro da Revolução Mexicana, as massas camponesas conseguiram exercer e afirmar seu protagonismo e seu poder em 80% do território nacional, além de dominar a capital de nosso país. Por esse período de fins de 1914, os exércitos camponeses de Pancho Villa de um lado e de Emiliano Zapata pelo outro, dominam grosso modo, quatro quintos do território nacional e, além disso, marcham sobre a cidade do México, que irão apoderar-se sem problemas em dezembro de 1914.

Vale a pena lembrar que dada a enorme e inclusive desmedida *centralização* de nosso país em torno da cidade do México, ela constitui e constituiu, na longa duração histórica de nossa nação, verdadeiro centro nevrálgico do poder no México. O México girou durante muito tempo em torno desse eixo reitor de todo o país que é sua própria cidade capital, fazendo com que, até o momento atual, aquele grupo que tem o domínio da cidade do México, ocupe sem dúvida alguma uma posição fundamental e parcialmente hegemônica a nível nacional.

E isso não só porque a cidade do México concentra em sua mancha urbana, além dos limites jurídicos do Distrito Federal, um de cada quatro mexicanos, ou seja, vinte e cinco por

cento de sua população total, mas também porque a cidade do México concentra grande parte da indústria do país, junto a uma boa porção das instituições que têm a seu cargo a geração e reprodução da cultura em geral, sendo, além disso, o principal cenário que concentra uma clara maioria dos processos políticos, sociais e econômicos decisivos que se desenvolvem regularmente em todo nosso território.

De modo que, se nos momentos finais do ano de 1914, as classes subalternas mexicanas conseguiram dominar quatro quintos do país e hegemonizar por um momento sua própria capital, então tiveram nessas circunstâncias a *clara possibilidade de tomar em suas mãos seus próprios destinos*, definindo também *o rumo global dos destinos do México* como país em geral.

No entanto, frente à possibilidade de instaurar uma República Camponesa Popular, similar a que se propôs instaurar na Rússia desde a Revolução de 1905, e que de certa maneira vai se desenvolver na mesma Rússia como fruto da Revolução triunfante de 1917; em lugar de optar pela instauração desta República camponesa e popular, as classes populares mexicanas renunciam ir até o final e abandonam essa posição central que é o domínio da capital do país. Com isso, abrem espaço para a reconstituição burguesa do projeto capitalista, isto é, para a inteira reconfiguração dos grupos dominantes, em primeiro lugar, a reconstrução do exército de Álvaro Obregón e, logo depois, de novos pactos e acordos dessas classes dominantes burguesas, tanto para o contragolpe militar, como para a restauração global de sua hegemonia que naturalmente se dará contra as classes populares e movimentos camponeses radicais, e em primeiro lugar, contra os próprios exércitos camponeses, villistas e zapatistas, durante todo o ano de 1915.

Assim, o destino global da Revolução Mexicana ficará selado definitivamente, cancelando sua via radical, a que Lênin chamava também de via plebeia, para em seu lugar instaurar uma Revolução truncada, de compromisso, apoiada na derrota e retrocesso dos grupos camponeses e, portanto, uma Revolução muito mais mutilada, parcial, cheia de matizes, desigual e, obviamente, muito distante da Revolução Russa de 1917 e inclusive da Revolução Francesa de 1789.

Deste modo, é nos fins de 1914 e durante o ano de 1915, que se decide o destino global das classes camponesas do país e de seu projeto plebeu radical de transformação social. E com isso também se decide todo o sentido geral e o caráter total de toda a Revolução Mexicana. Pois é evidente que durante um longo período de lustros e décadas, nunca mais os camponeses e indígenas mexicanos, que formaram o grupo central, massivo, estrutural e protagonista principal desta Revolução Mexicana de 1910-1921, nunca mais em muitos anos, estes camponeses e indígenas do México voltaram a ter uma força similar a que alcançaram nestes meses de novembro e dezembro de 1914.

A partir de 1915 em diante, esta via camponesa plebeia e radical da Revolução é anulada e derrotada, o que provoca o retrocesso de Francisco Villa e de seus seguidores no norte do país, e também ao acampamento de Emiliano Zapata no sul,¹² dentro de um processo mais global no qual Venustiano Carranza¹³ começa a devolver as fazendas expropriadas anteriormente e as classes populares - o nascente movimento operário e os distintos grupos camponeses rebeldes - começam outra vez a ser submetidos e enquadrados dentro do projeto burguês dominante, ao mesmo tempo em que as novas elites políticas (e também parte das velhas elites políticas) disputam agora, e somente desde cima, o novo poder do Estado.

Dentro desta lógica, o governo de Venustiano Carranza aparece somente como uma simples transição dentro deste processo de recomposição das classes dominantes mexicanas, processo que como bem sabemos, terminará dando a hegemonia ao chamado “Grupo Sonora” e, em geral, ao que chamamos de “o país do norte” do México, o que é bem conhecido, recentralizará durante várias décadas o projeto nacional global em torno das zonas norte e noroeste do país.

Esta hegemonia dos grupos do “país do norte”, que durará aproximadamente meio século, para voltar a ceder esse domínio hegemônico aos grupos do país do centro a partir dos anos 1950 ou 1960, nos quais, e por meio da forte industrialização da zona central do México e especialmente da cidade do México e de sua mancha urbana, estes grupos centrais recuperaram a posição hegemônica em torno da condução do projeto nacional geral do México.

Portanto, vale a pena insistir no fato de que quando observamos as coisas desde este registro profundo da longa duração histórica, muito dos processos, ou sucessos, ou fenômenos históricos que analisamos, se apresentam sob uma nova e inédita luz, mostrando arestas e dimensões que geralmente permanecem ocultas e ignoradas quando são vistas em termos mais imediatos e conjunturais. Nesse sentido, uma derrota pode implicar em êxitos, avanços e conquistas importantes, ao mesmo tempo em que uma vitória é relativizada e se matiza para combinar-se com retrocessos, concessões significativas e perdas relevantes.

O que nos permite explicar a situação, em aparência paradoxal, mas na realidade clara e evidente, de que apesar de haver sido derrotada, essa via plebeia radical da Revolução Mexicana representada pelos dois ramos camponeses e indígenas de Francisco Villa e Emiliano Zapata, obteve uma força como movimento social camponês e popular que foi tão enorme, tão monumental, tão invasora, tão contundente e tão espantosa que, mesmo derrotada, conseguiu *impor* toda uma série de mudanças fundamentais, conquistando todo um conjunto de transformações sociais tão importantes que fizeram do México um país *diferente*, em muitos sentidos e durante todo o século XX cronológico, do resto dos países da América Latina. Essa diferença transformou o México numa espécie de país “líder” dentro do desenvolvimento geral da América Latina¹⁴ durante o lapso temporal que corre desde o período crítico da Revolução Mexicana, desde os anos 1910-1921, até o momento da saudável irrupção da Revolução Cubana de 1959, momento em qual esta liderança do México dentro da América Latina começa claramente a decair e a atenuar-se até desaparecer, de maneira lenta, porém irreversível.

Pois, quando situamos desde do observatório de análises do que foi no seu conjunto a história do México e a história da América Latina ao longo de todo o século XX, fica claro que foi graças a Revolução Mexicana que os caminhos de nosso país se distinguiram, de maneira significativa, dos caminhos das outras nações latino-americanas. Já que foi graças a esta potente e intensa revolução, com uma profunda raiz camponesa e popular, que se mobilizou e agitou a nação inteira, sacudindo completamente todas as estruturas do poder econômico, social, político e cultural por todo o país.

O que, de maneira imediata e como um primeiro resultado, vai provocar o colapso completo do antigo grupo governante, do grupo porfirista que encarnava o país do centro, refazendo os equilíbrios internos da classe dominante e obrigando-a a transferir sua posição hegemônica de direção do projeto nacional dos espaços do país do centro para os espaços do país do norte. E que, naturalmente, implicará em transformações sociais de diversas ordens e magnitudes, matizadas e desiguais, mas de grande importância nas zonas central e norte do México, junto a significativa carência, muitas vezes assinalada, de deixar intocado o país do sul.

Assim, e a partir dos horizontes de longa duração da história, pode-se ver que graças a Revolução Mexicana, derrotada enquanto revolução camponesa popular, porém potente e profunda em seus impactos essenciais, que no México ocorre a *primeira* Reforma Agrária do século XX em toda a América Latina, que por sua ampla e singular escala e dimensão, será também a primeira Reforma Agrária de toda a história de nosso subcontinente.

Reforma Agrária vasta e estrutural que, apesar de suas múltiplas titubeações, de seus arranjos com os grupos latifundiários e de sua desigual presença –onde, como foi demonstrado, o país do sul ficará com a pior parte, ficando quase ausente dessa transformação agrária nacional -, vai terminar, contudo, refazendo por completo a estrutura agrária do México, dando-lhe um caráter muito mais progressista e avançado que praticamente o resto dos países da América Latina na mesma época.

É algo que se faz evidente quando comparamos o desenvolvimento agrícola do México hoje com, por exemplo, o da Guatemala, onde não haverá Reforma Agrária até os anos quarenta e cinquenta do século XX, sendo ainda abortada pelo golpe militar apoiado pelos Estados Unidos no ano de 1954, cancelando um avanço mais rápido e integral do capitalismo guatemalteco até os dias de hoje.

Ou também podemos comparar os efeitos da profunda Reforma Agrária Mexicana com a situação vivida ao longo de todo o século XX cronológico e que perdura até hoje no Brasil, onde o Movimento dos Sem-terra, um dos mais importantes movimentos anti-sistêmicos atuais da América Latina, constituiu-se precisamente em virtude da ausência histórica de uma verdadeira Reforma Agrária brasileira, ausência essa que se plasma de maneira escandalosa neste país pela existência até hoje de um latifúndio, uma propriedade com um só dono, cuja área é tão ampla quanto o território de Portugal,¹⁵ situação que equivaleria à propriedade total do território do Estado de Chihuahua por parte de uma só família, como precisamente acontecia antes do estampido revolucionário de 1910.

A Reforma Agrária mexicana que, apesar de ser uma reforma regrada, controlada, administrada e desenvolvida desde cima, desde as esferas do poder, é ao mesmo tempo um claro fruto da profunda mobilização social e de um forte e vigoroso movimento camponês e popular que, mesmo derrotado, faz valer sua força e sua presença, se afirmando como um elemento vivo e atuante durante praticamente todo o século XX cronológico mexicano. Fato esse que demonstra, indiretamente, a validade da tese defendida por Walter Benjamin de que os “passados vencidos”, mesmo depois de serem derrotados, continuam vivos, continuam atuando e fazendo sentir seus efeitos dentro do curso concreto da história, enquanto esperam pacientemente as condições propícias para poder emergir de novo e disputar novamente a definição dos possíveis destinos futuros do drama histórico nos quais eles se encontram imersos.

Uma Revolução plebeia camponesa derrotada que, no entanto, foi também capaz de varrer profundamente os principais obstáculos que se opunham a formação do mercado interno nacional, acelerando a partir de seus saudáveis impactos a tripla formação dos sub-mercados de mercadorias, dinheiro e força de trabalho para o capital industrial mexicano. Com este, conseguiu estabelecer condições favoráveis para o estabelecimento de uma forte unidade para este mesmo mercado interior em escala nacional, o que implica que a economia mexicana, durante o século XX cronológico conseguirá constituir-se como uma estrutura econômica mais integrada, mais sólida e mais diversificada que muitas das restantes economias latino-americanas. Ao que parece, é uma das razões claras para que o México tenha se constituído no

século XX cronológico em um dos três países líderes da América Latina no plano econômico, junto ao Brasil e a Argentina.

Isso, sem dúvida, se deve em parte também ao tamanho e a grande riqueza e variedade dos recursos naturais de nosso país, mas que se vincula igualmente a esta exitosa formação de um mercado interno nacional consolidado e robusto e, em consequência, a esta maior integração econômica dos distintos ramos e setores produtivos e comerciais.

Um terceiro efeito importante desta revolução camponesa derrotada de 1910-1921 é a aquisição por parte do México de melhores condições para o desenvolvimento de seu próprio processo de industrialização, que apenas começará a ocorrer de maneira massiva e geral a partir da Segunda Guerra Mundial. Industrialização que, como é evidente, se apoia nesta estrutura econômica mais integrada e na vasta Reforma Agrária que, mesmo sendo desigual, não deixa de ser uma premissa importante desta industrialização e da modernização econômica em geral. O que, uma vez mais, vai fazer do México um dos países industriais mais importantes da América Latina, vantagem que fica clara quando observamos que a industrialização não foi, infelizmente, a regra geral do desenvolvimento econômico da imensa maioria das nações latino-americanas.

Outro efeito importante da Revolução Mexicana, mesmo derrotada, foi o de haver provocado a reestruturação geral de todo o conjunto do tecido social mexicano, quer dizer, uma reconfiguração profunda das classes sociais mexicanas, pela qual as antigas classes dominantes mais atrasadas, como por exemplo a oligarquia latifundiária do país do centro, vão ser em grande parte *substituídas* por outros grupos equivalentes, muito mais modernos e avançados, e neste caso recém-citado, pela então incipiente burguesia agrária do país do norte, e mais adiante e de maneira generalizada, pela burguesia industrial mexicana.

Também é o caso da emergência social da classe média urbana mexicana, que parece dever seu próprio nascimento a esta mesma Revolução Mexicana: ao impulsar a modernização econômica, a revolução promoveu também a urbanização e com ela o desenvolvimento em maior escala das profissões liberais, junto ao crescimento do pequeno comércio, da pequena indústria e do florescimento em geral desse setor de empregados, burocratas e trabalhadores intermediários que constituem e reproduzem a chamada classe média urbana em geral.

Outra consequência social importante desta revolução que, mesmo derrotada faz sentir seus efeitos progressistas sobre o conjunto do país, foi a criação de um sistema social onde o chamado “Estado de Bem-Estar” teve uma presença e um desenvolvimento muito maior que em outras nações da América Latina. Porque a sociedade mexicana foi permeada muito mais que outras sociedades latino-americanas pelas demandas de suas classes populares e subalternas, que mesmo depois de vencidas, mantiveram uma tal força e presença, conseguindo impor de distintas maneiras algumas de suas principais exigências e reivindicações.

Pois, ao ser construída como fruto direto dessa profunda revolução de 1910, a sociedade mexicana se viu forçada a assimilar por distintas vias essas exigências de suas classes e setores subalternos, que durante lustros e lustros continuaram infundindo um considerável medo e temor nas novas classes governantes que iram afirmar-se em nosso país a partir dos anos vinte do século cronológico passado. Afinal, como afirma Carlos Monsivais, se a Revolução Mexicana representou a verdadeira “irrupção do subsolo” abaixo da frágil superfície de nossa nação,¹⁶ então é claro que uma das tarefas prioritárias dessa nova classe governante mexicana será a de “voltar a domesticar a plebe”, devolvendo-a para esses espaços

subterrâneos da sociedade e restaurar a nova hegemonia das velhas e novas classes dominantes, cuja existência foi radicalmente ameaçada durante o decênio revolucionário de 1910-1921.

Porém, logicamente, essa reimplantação do controle e da nova estrutura hegemônica não será possível nos anos imediatamente posteriores ao do fim desse crítico decênio da Revolução Mexicana, mas somente ao preço de uma grande quantidade de concessões sociais e da aceitação de muitas das demandas destes setores populares, que em virtude destas conquistas, irão aceitando, relutante e lentamente, esta nova marginalização em direção as renovadas condições de sua subalternidade e exploração.

Por isso no México, por exemplo, vai se desenvolver um sistema de seguridade social e saúde pública que ainda hoje é, todavia, muito mais abrangente, amplo, sofisticado e eficaz que qualquer outro da América Latina. Algo que não é uma dádiva graciosa do poder, senão uma imposição e conquista destas classes populares e subalternas mexicanas. Sistema de saúde pública que, se bem se encontra hoje em dia numa desastrosa situação de crise generalizada, conseguiu por outro lado, em épocas anteriores e durante uma boa parte do século XX cronológico, desempenhar uma importante cobertura social junto a serviços e atenção a seus usuários que não tem equivalente em outras nações latino-americanas.

Também e como outra manifestação destas importantes conquistas populares impostas a contrapelo aos poderes dominantes, podemos mencionar o fato de que no México, uma vez mais como resultado da Revolução Mexicana, se criou uma Universidade muito mais popular e muito mais aberta à inclusão dos setores subalternos de nosso país. Uma Universidade que é de massas desde da primeira metade do século XX, antecipando-se aos processos que no resto do mundo somente vão desenvolver-se depois da Segunda Guerra Mundial,¹⁷ e que será ao longo de todo o século XX uma Universidade gratuita, onde não estudam somente os grupos de elite ou setores da classe dominante, mas onde podem incorporar-se também as classes médias e uma parte dos setores populares de nossa sociedade.

A Universidade Nacional Autônoma de México, que incluiu durante todo último século uma base estudantil composta amplamente por diversos grupos dos setores populares, tem sido um mecanismo permanente de *mobilidade social ascendente* dentro da sociedade mexicana durante todo o século XX cronológico. O que se fez evidente na longa greve dos estudantes dos anos de 1999 e 2000, greve na qual o que se defendia era justamente esse caráter *gratuito* e amplamente *popular* desta Universidade, fruto direto da Revolução Mexicana de 1910, caráter que sob a tentativa de ser anulado e revertido a partir do poder, originou uma popular e justificada greve de onze meses que somente terminou quando foi reprimida de maneira brutal pelo governo mexicano no mês de fevereiro do ano de 2000.

Além disso, e acompanhando esse caráter popular desta Universidade mexicana, se desenvolveu no México, também como fruto da Revolução camponesa plebeia de 1910, um vasto projeto de alfabetização generalizado, junto a uma ampla cruzada para o desenvolvimento geral da educação rural, concatenado à importante difusão de uma literatura popular que, além de ter claras funções pedagógicas, era bastante desenvolvida, e também com o surgimento de projetos editoriais como o *Fondo de Cultura Económica*, iniciativas e processos que, uma vez mais, não encontram equivalentes dentro da história da América Latina na primeira metade do século XX.

Igualmente, e como parte dos efeitos diretos deste levantamento plebeu popular de 1910, que mesmo vencido faz sentir todo o peso do protagonismo essencial dos setores subalternos, vai desenvolver-se também uma Constituição que no papel, para a época em que

foi elaborada, era uma legislação bastante avançada, incluindo, por exemplo, em seu artigo 123 toda uma série de conquistas importantes do setor operário de nosso país. Ou também uma legislação sobre a terra, plasmada no artigo 27, que quando revisado com cuidado e a partir das circunstâncias de um século atrás, é uma legislação avançada em termos formais que permitiu, por exemplo, a justificação legal para a expropriação petroleira de 1938, entre outros avanços importantes. Ou seja, uma legislação progressista para seu tempo que, se parece avançada no papel, não é cumprida quase nunca, ou somente parcial e limitadamente na realidade, o que não nega a situação que esse caráter progressista e avançado da Constituição Mexicana seja mais um dos resultados diretos arrancados pelas classes populares dos grupos dominantes e hegemônicos de nosso país. Outro âmbito no qual a Revolução Mexicana do começo do século XX produz um impacto fundamental é o âmbito político. Aqui, e diferentemente de outros níveis, vai se dar uma verdadeira *renovação completa* da elite política, que nas análises tradicionais tem sido qualificado como o nascimento da “família revolucionária” e que no fundo representa, mais estruturalmente, a constituição de um *novo Estado e até mesmo de um novo tipo de Estado*, conjuntamente a gestação de toda uma *nova classe política* (na qual, não obstante, conseguirá aderir-se um certo número de elementos da velha classe política).

Com isso, vai criar-se um novo sistema político de domínio muito eficaz, isto é, um regime de Partido único que vai durar aproximadamente 70 anos, entre 1929 e 2000, permanecendo até 1968 como um regime que foi capaz de resistir com êxito a todas as impugnações sociais fundamentais e todos os movimentos de contestação destes anos, ao constituir-se como um sistema e espaço político que logrou, de uma forma ou de outra, absorver ou reprimir praticamente qualquer tipo de oposição política séria, sem grandes dificuldade e sem pagar custos muito altos. E assim foi até o importante evento da história mexicana já mencionado, o movimento estudantil popular de 1968.

Um regime que por quarenta anos assimila, ou absorve, ou reprime, ou corrompe, ou consegue banalizar a todos os movimentos importantes de oposição, e que depois dessa ruptura fundamental de 1968, tardará ainda trinta anos mais para entrar em colapso e em desestruturar-se por completo. O que vai suceder a partir do ano 2000, com a derrota eleitoral de tal Partido único, do Partido Revolucionário Institucional, em eleições nas quais um novo Partido ascendeu ao poder para não *transformar nada no essencial* das políticas mantidas e desenvolvidas pelo Partido único anterior, reduzindo a tal mudança eleitoral ao simples nível de uns funcionários públicos por outros, dos velhos políticos corruptos do PRI pelos novos tecnocratas ineptos do *Partido Acción Nacional*.

Em sintonia com aquela mudança política profunda, também vai se desencadear outra transformação realmente radical e importante no plano da cultura mexicana, transformação igualmente derivada do profundo protagonismo das classes subalternas na Revolução Mexicana de 1910. Pois ao romper-se de uma maneira total a hegemonia da cultura aristocrática e de elite que havia dominado todo o regime porfirista, o que se abriu foi um vasto espaço para o protagonismo agora central e ubíquo da *cultura popular*, que será praticamente a *única* cultura presente no cenário mexicano durante os anos vinte, trinta e quarenta do passado século XX cronológico.

É claro que no México, durante esses trinta anos posteriores a Revolução Mexicana, a cultura popular *dominou amplamente* o espectro das manifestações culturais em nosso país, e isso explica, por exemplo, o porquê dos símbolos de identidade dos mexicanos vigentes até hoje serem símbolos derivados dessa cultura popular, sendo alias construídos precisamente durante essas primeiras décadas do século XX cronológico.¹⁸ É justamente nessa época que se

forjam as imagens do “chapéu mexicano” e da “china poblana”¹⁹ como imagens características “do mexicano” em geral, junto a identificação dos Mariachis como “a” forma da música mexicana ou a projeção do Muralismo como “o” aporte do México a arte universal.

E se esta cultura popular é amplamente dominante na cultura mexicana da primeira metade do século XX cronológico, criando a enorme riqueza artística e projeção cultural de dimensões latino-americanas e até universais que teve o México durante essa época, isso é algo que, lamentavelmente, começará a mudar lenta, porém persistentemente, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Já que desde o regime de Miguel Alemán²⁰ vai iniciar-se o processo que tenta recriar e reinstalar uma nova cultura de elite hegemônica mexicana, que tenta construir-se desde a imitação e cópia do limitado e empobrecido modelo norte-americano do *american way of life*, modelo que não para de se impor até hoje, que conviveu forçosamente por todas essas décadas e compete a todo tempo com essa cultura popular mexicana, cultura essa que se mantém ainda hoje como uma cultura muito viva, ativa, recorrente e muito presente em todo o âmbito cultural geral.²¹

Além disso, também é importante ressaltar que, junto a estas transformações relevantes derivadas do protagonismo popular dos grupos camponeses e subalternos na Revolução Mexicana, iram ocorrer outras mudanças que acompanham as transformações já descritas como, por exemplo, uma *mudança demográfica* fundamental provocando, ao longo do século XX, um crescimento demográfico forte e duradouro, muito mais intenso do que já havia experimentado o México em todos os séculos anteriores.

Ao mesmo tempo vai desenvolver-se um processo de configuração territorial nacional definitivo, no sentido de que se consolidarão as fronteiras da nação mexicana depois da perda que no século XIX significou o roubo da metade de nosso território por conta da injusta invasão norte-americana. De modo que durante o século XX, e acompanhando o processo de desdobramento das principais consequências e frutos desta Revolução Mexicana, iram se estabelecer os limites territoriais definitivos do que hoje é o México.

Igualmente, haverá uma série de importantes transformações étnicas dentro da população mexicana, transformações que caminharão no sentido de um incremento e um aceleração significativos do processo global de mestiçagem de nosso país.

Também no plano religioso, é claro que a Revolução Mexicana vai romper com grande parte do isolamento camponês anterior, abrindo assim espaços para o desenvolvimento de novos e muito diferentes horizontes intelectuais ao conjunto da população, horizontes menos religiosos e mais científicos, apoiados na extensão massiva e difundida da educação popular que terá, claramente, como um de seus efeitos importantes, o aumento lento, porém consistente, ao longo do de todo o século XX cronológico, da laicização da sociedade mexicana e também de um progressivo afrouxamento das rígidas e atrasadas concepções religiosas anteriormente sustentadas e desenvolvidas no México pela Igreja dominante, Igreja cúmplice dos ricos e dos grupos hegemônicos de nosso país.

Além disso, a Revolução Mexicana será acompanhada por um claro rompimento do modelo da família extensa que predominou amplamente no México, sobretudo, no âmbito camponês, até o século XIX, modelo este que cederá no século XX pouco a pouco o passo para a constituição da família nuclear, transformando este âmbito familiar e modificando também os horizontes e perspectivas de desenvolvimento geral do espaço doméstico da sociedade mexicana.

A substituição da família extensa pela família nuclear não constitui necessariamente um progresso social, mas é um processo claro que parece derivar da Revolução Mexicana de 1910-1921.

Revolução Mexicana que será acompanhada também de uma transformação profunda nos usos e costumes da sociedade mexicana, os que claramente e uma vez mais ao longo do século XX cronológico vão liberalizar-se pouco a pouco, afirmando efetivamente alguns novos costumes ou desenvolvendo novos hábitos considerados como mais “modernos” em termos capitalistas, quer dizer, supostamente mais de acordo com os tempos deste século XX.

Por último, há também toda uma série de mudanças civilizatórias que já mencionamos em parte e que acompanham as transformações já referidas, como por exemplo, a urbanização crescente do país, ou o desenvolvimento das comunicações e da infraestrutura material em geral, junto a uma mobilidade social crescente da sociedade mexicana, ou a processos que a partir da mencionada “modernização” capitalista pretendem abrir a sociedade mexicana a influências e elementos vindos do exterior, fazendo-a de maneira desigual e contraditória – pois muitas dessas influências são as do já citado *american way of life* – uma sociedade supostamente mais cosmopolita e mais receptiva a respeito dessas influências exteriores. Transformações profundas produzidas ou que acompanham esse processo essencial de nossa Revolução Mexicana²² e que fazem do México ao longo do século XX um país distinto do resto dos países da América Latina; que ao ser analisado desde a perspectiva das classes camponesas e subalternas, nos permite esboçar um breve balanço final de alguns dos principais êxitos e conquistas destas mesmas classes que, mesmo derrotadas, conseguiram arrancar e impor certas mudanças profundas ao novo esquema de dominação social que emerge desta Revolução Mexicana de 1910-1921.

Assim, e tratando de avançar esse rápido balanço global, vale a pena insistir que essas classes populares tentaram *transformar radicalmente*, nesta vasta Revolução de 1910, o destino do México a partir da transformação de seu próprio destino como classe e de seu próprio *status* específico de dominação. Ou seja, a partir da eliminação *radical* das condições de exploração, de despotismo, de desigualdade e de discriminação nas quais elas viviam. E mesmo que as classes subalternas mexicanas tenham sido derrotadas ao tentar alcançar este objetivo, e fracassando nesta ousada e legítima tentativa, sua ação monumental, sua impressionante força organizada e sua capacidade de transformação aplicada em múltiplas ocasiões foram tão fundamentais, assombrosas e surpreendentes que, para além de sua clara derrota, conseguiram conquistar e instalar toda uma série de profundas modificações sociais que é importante sublinhar.

Em primeiro lugar, e graças a esse acionar radical monumental das massas camponesas e urbanas que participaram da Revolução Mexicana, foi a erradicação por completo das formas mais *arcaicas* de exploração econômica, tanto no país do norte como no país do centro, abolindo totalmente, por exemplo, a relação de arregimentação de trabalhadores por dívidas, ou as formas de semi-escravidão e de toda uma importante série de atrasadas formas de sujeição camponesa que teve vigência no México até o período do Porfiriato.

Infelizmente, na zona do “país do sul”, não se conseguirá eliminar estas formas mais arcaicas de exploração, o que em nossa opinião, explicará a força e a radicalidade dos movimentos camponês e indígenas dos anos sessenta, setenta, oitenta, noventa e mais atuais, em toda essa zona hoje insurreta e rebelde do país do sul, isto é, em Chiapas, em Oaxaca, em Guerrero, em Tabasco, etc, que constituem todo esse México radical do sul e que nos últimos

quinze anos vem protagonizando essas novas formas de luta contundentes, avançadas, que conseguiram impactar a nível nacional os destinos fundamentais de nosso país.²³

Uma segunda transformação importante, que não está desconectada da impressionante força organizada de que vangloriaram-se os subalternos mexicanos durante a Revolução de 1910, foi precisamente os relevantes avanços que na vida social mexicana conquistou este movimento social, e como já mencionamos anteriormente, se refletiram em várias linhas da forma de constituição de sua vida pública, contando, por exemplo, com uma Universidade de composição social de base muito popular, que não é uma Universidade de elite, como é o caso de quase toda a América Latina, junto ao desenvolvimento de um sistema de saúde pública e de seguridade social muito mais extenso e eficaz que em outras nações latino-americanas, ou a criação de uma legislação avançada no papel, mesmo que não cumprida cabalmente na prática, legislação que se refere a âmbitos tão fundamentais como o trabalhista ou ao âmbito territorial dos recursos do país, ou seja, às principais fontes de geração de riqueza na sociedade atual.

Uma terceira conquista fundamental, atrelada com a enorme capacidade de transformação demonstrada por essas classes subalternas mexicana no decênio revolucionário de 1910, foi a destruição total do velho Estado e do distanciamento radical do poder da velha classe política porfirista. Conquista importante que, não obstante, será revertida depois ao criar-se o novo Estado e a nova classe política, os que uma vez mais expropriaram e alienaram estas classes subalternas do exercício real da atividade política, confinando-as ao passivo e limitado ritual das eleições, geralmente fraudulentas e arranjadas, vigentes durante décadas e décadas do século XX cronológico, e inclusive do atual século XXI.

A expropriação das classes subalternas do real exercício da política vai terminar a partir do movimento estudantil popular de 1968, momento em qual estes grupos e setores subalternos começarão *a se reapropriar*, pouco a pouco e de maneira contínua, desta atividade política efetiva, processo que hoje se faz evidente na crítica radical da política corrupta dominante em nosso país e também na crítica radical a toda classe política em seu conjunto; críticas reivindicadas a partir da proposição de uma urgente necessidade de construir uma “Outra Política” baseada na ética, na memória, na sociedade e na história como o digno e vasto movimento de *A outra campanha* defende.

Outra conquista fundamental, todavia muito evidente e que deriva desse monumental e impressionante protagonismo das classes subalternas dentro da Revolução Mexicana, é o importante *renascimento, florescimento e democratização da vida cultural mexicana*, que felizmente conseguiu ser muito mais permeada e reconstruída pela cultura popular mexicana durante várias décadas, conseguindo até os dias de hoje, apesar de tudo, um vasto espaço para as criações, iniciativas e manifestações desta rica, profunda e muito diversa cultura das classes subalternas mexicanas.

Se observarmos a Revolução Mexicana a partir dos horizontes da longa duração histórica, veremos que ela constituiu um avanço muito importante na conquista de certas posições por parte das classes subalternas. Um avanço que transcorre lentamente ao longo de todo o século XX cronológico mexicano e que se faz evidente nas ulteriores e específicas conquistas, mas também nos próprios combates, nas lutas operárias dos anos vinte, ou nas lutas camponesas da década de trinta, assim como na resistência popular e nos esforços de reorganização das esquerdas mexicanas dos anos quarenta e cinquenta, o mesmo que no vasto e profundamente impactante movimento estudantil popular de 1968, no sindicalismo independente dos anos setenta, ou na insurreição civil popular de 1988, ou no levante dos

dignos indígenas neo-zapatistas de 1 de janeiro de 1994, ou agora mesmo no importante e amplo movimento da *Outra Campanha*, iniciado no 1 de janeiro de 2006 e que cada dia cresce e se desenvolve com mais e mais força.

Processos, combates, lutas e confrontos onde as classes populares mexicanas se enfrentam, se politizam, se organizam, se conscientizam e renovam seus próprios movimentos de massas e também suas distintas organizações de esquerda, preparando-se de maneira séria, conscienciosa e zelosa para o muito próximo e fundamental momento que é o ano de 2010 *histórico*.

Por isso, como propunham nos muros os combativos lutadores oaxaquenhos, depois de serem brutalmente reprimidos pelo governo estadual de Ulises Ruiz e pelo federal de Felipe Calderón em novembro de 2006, “Nos vemos em 2010”. Pois está claro que o modo mais sábio e consequente de festejar uma Revolução é fazendo uma nova Revolução. Porém, com um resultado diferente do que tiveram as Revoluções de 1810 e 1910 no México, ou seja, com um resultado mais radical, mais feliz, mais emancipador, e sobretudo, mais de acordo com os verdadeiros e profundos interesses das classes subalternas mexicanas, como os que propõe o cada vez mais vasto e potente movimento de *A Outra Campanha*.

Assim, também repetimos cheios de esperança nessa *Outra Campanha* e em todas as lutas atuais e futuras do povo mexicano: “Bem-vindos ao ano *histórico* de 2010!”

Cidade do México, 31 de janeiro de 2009.

Notas

1. Um primeiro sintoma claro desse afã comemorativo foi a ampla difusão do livro coordenado por Pierre Nora, *Les lieux de memoire*, editado em três tomos que incluíam sete volumes, de 1984 até 1993 pela Editorial Gallimard da França. Para uma postura diferente e muito mais crítica a respeito das comemorações, ver o livro de Raphael Samuel, *Theatres of Memory*, Ed. Verso, Londres, 1996 e Carlos Antonio Aguirre Rojas, “La historiografía modernista francesa entre 1985 y 1995: apunte introductorio”, no livro *Diez años de historiografía modernista*, Ed. Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 1997.
2. Como nos lembrou e argumentou brilhantemente Walter Benjamin em suas agudas *Tesis sobre la Historia y otros fragmentos*, Ed. Contrahistorias, México, 2005.
3. Sobre as propostas absurdas em torno desta dupla celebração, propostas que chegam as centenas, ver o artigo de Paco Ignacio Taibo II, “Regresa, Hidalgo, se han vuelto locos”, no jornal *La Jornada*, de 6 de setembro de 2009, pag. 8.
4. Retomamos aqui a distinção estabelecida desde muito tempo pelos historiadores da mal chamada “Escola dos Annales”, que nos ensinaram a distinguir entre séculos cronológicos, de perfeitos e idênticos 100 anos, e os séculos históricos, que podem durar 70, ou 120, ou 200, ou mais ou menos anos, segundo os processos históricos reais que se desenvolvem em seu interior. Neste sentido, falamos de um 2010 histórico que poderia, quiçá, coincidir com o 2010 cronológico, mas também, postergar-se até 2012, ou 2013, ou 2015, etc. Como exemplos dessa distinção mencionada, ver Fernand Braudel, que fala de um “longo século XVI”, de 200 anos aproximadamente, em seu ensaio “European expansion and Capitalism. 1450-1650” no livro *Chapters in Western Civilization*, Ed. Columbia University, Nueva York, 1961, ou Pierre Goubert, que define a temporalidade do século XVII desde 1598-1602 até 1730, em seu livro *Cent mille provinciaux au XVIIe siecle*, Ed. Flammarion, París, 1968. Ou também Immanuel Wallerstein, que falou de um “primeiro” e um “segundo” século XVI, entre 1450 e 1650, em seu livro *El moderno sistema mundial*, tomo I, Ed. Siglo XXI, México, 1979, ao mesmo tempo em que defendeu a ideia dos sempre “longos séculos históricos”, que se sobrepõe constantemente, no livro, Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Crítica del sistemamundo capitalista*. Entrevista con Immanuel Wallerstein, Ed. Era, 2ª reimpressão, México, 2007.

5. Horizontes definidos por Fernand Braudel, em seu célebre ensaio “Historia y ciencias sociales. La larga duración”, em *Escritos sobre historia*, Ed. Fondo de Cultura Económica, México, 1991. Ver também, do mesmo Fernand Braudel, *Escritos sobre la Historia*, Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1990, e *Las ambiciones de la Historia*, Ed. Crítica, Barcelona, 2002. Sobre as diversas implicações desta rica perspectiva da longa duração, ver Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Tempo, duração, civilização*, Cortez Editora, São Paulo, 2ª edição, 2002, Braudel, o Mundo e o Brasil, Cortez Editora, São Paulo, 2003, e *Fernand Braudel e as Ciências Humanas*, Ed. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003.
6. Perspectiva comparada ou aplicação do método comparativo na história, que reivindicava energeticamente Marc Bloch, por exemplo, em sus ensaios ‘Comparación’ e ‘Por una historia comparada de las sociedades europeas’, ambos incluídos em seu livro *História e Historiadores*, Ed. Akal, Madrid, 1999. Sobre os princípios aportes da obra de Marc Bloch, ver Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Os Annales e a Historiografia francesa*, Ed. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000, e *Uma historia dos Annales. 1921 – 2001*, Ed. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.
7. Falamos de três “países” dentro do país que agora é o México, seguindo a tese da existência de três *Méxicos geohistóricos* que desenvolvemos em Carlos Antonio Aguirre Rojas, ‘Los tres Méxicos de la historia de México’, em *Contrahistorias*, num. 4, 2005, e que pode ser fundamentada em muitos ensaios como, por exemplo, Ángel Bassols Batalla, “Consideraciones geográficas y económicas en la configuración de las redes de carreteras y vías férreas en México”, em *Investigación económica*, vol. XIX, num. 73, 1959, Bernardo García Martínez, “Consideraciones corográficas”, em la Historia general de México, tomo I, Ed. Colegio de México, México, 1976, ou Friederich Katz, *La servidumbre agraria en México en la época porfiriana*, Ed. Era, México, 1980 y *La guerra secreta en México*, Ed. Era, México, 1982.
8. Período de 30 anos (1876-1911) em que o México foi governado pelo General Porfírio Díaz.
9. Sobre estes mitos da atrasada e limitada história hoje em dia dominante no México, ver Carlos Antonio Aguirre Rojas, “Mitos e Esquecimentos na História Oficial do México”, Apêndice incluído no livro *Antimanual do mau historiador*, Ed. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007, pp. 99 – 134.
10. Sobre este processo de formação do mercado interno nacional e de seus impactos na modernização capitalista do México, ver John Womack Jr., “The mexican economy during the Revolution, 1920-1920: historiography and analysis”, em *Marxist Perspectives*, número de inverno, 1978, Alan Knight, “The Mexican Revolution. Bourgeois? Nationalist? or just a ‘Great Rebellion?’, em *Latin American Research*, vol. 4, núm. 2, 1985 y Carlos Antonio Aguirre Rojas, “Mercado interno, guerra y revolución en México, 1870 – 1920” em *Revista Mexicana de Sociología*, año 52, num. 2, México, 1990.
11. Assim como foi proposto há muito tempo por Adolfo Gilly, em seu livro *La revolución interrumpida*, Ed. El Caballito, México, 1975.
12. Sobre estes processos e sobre o papel mais geral dos exércitos camponeses villistas e zapatistas, ver Katz, *Pancho Villa*, Ed. Era, México, 1998, Paco Ignacio Taibo II, *Pancho Villa. Una biografía narrativa*, Ed. Planeta, México, 2006, Pedro Salmerón, *La división del Norte*, Ed. Planeta, México, 2006 e Francisco Pineda, *La irrupción zapatista. 1911*, Ed. Era, México, 1997 e *La revolución del Sur. 1912 – 1914*, Ed. Era, México, 2005. Também vale a pena ver diretamente os textos escritos durante os anos da Revolução Mexicana pelo próprio Emiliano Zapata, em *Emiliano Zapata. Escritos y Documentos (1911 – 1918)*, Ed. CEDEN, México, 1999.
13. Venustiano Carranza Garza (1859-1920), presidente do México de 1917 a 1920.
14. Papel central do México dentro da América Latina que se reflete no nível da cultura e da historiografia, assim como político e social em geral. A respeito deste tema, ver os vários ensaios incluídos em Carlos Antonio Aguirre Rojas, *América Latina. Historia e Presente*, Ed. Papyrus, Sao Paulo, 2004.
15. Sobre a situação do Brasil e a ausência histórica de uma Reforma Agrária, ver João Pedro Stédile (coordenador), *A reforma agrária e a luta do MST*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997 e *Brava gente. La lucha de los Sin Tierra en Brasil. Entrevista a João Pedro Stédile*, Ed. Desde Abajo, Bogotá, 2003; Bernardo Mançano Fernandes, *A formação do MST no Brasil*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2000, e *Gênese e desenvolvimento do MST*, Ed. MST, São Paulo, 1998; Sue Bradford e Jan Rocha, *Rompendo a Cerca. A história do MST*, Ed. Casa Amarela, São Paulo, 2004, Mitsue Morissawa, *A história da luta pela terra e o*

- MST, Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2001, Marta Harnecker, Sin Tierra. *Construyendo movimiento social*, Ed. Siglo XXI, Madrid, 2002, Bruno Konder, *L'action politique des Sans Terre au Brésil*, Ed. L'Harmattan, Paris, 2004 e Carlos Antonio Aguirre Rojas, *América Latina en la encrucijada*, Ed. Contrahistorias, México, 2009.
16. Sobre esta brilhante e sugestiva tese, ver Carlos Monsivais, “La aparición del subsuelo. Sobre la cultura de la Revolución Mexicana” em *Histórias*, num. 8-9, Ed. INAH, México, enero - junio de 1985 e também seu livro *Amor perdido*, Ed. Era, México, 1999.
 17. O importante processo precoce de massificação da Universidade mexicana é um dos vários fatores que explicam o papel central que desempenhou o México dentro da América Latina e do mundo inteiro durante a importante revolução cultural mundial de 1968. Sobre este ponto, ver Carlos Antonio Aguirre Rojas, “Repensando los movimientos de 1968 en el mundo” y “1968: la gran ruptura”, ambos no livro *Para comprender el siglo XXI*, Ed. El Viejo Topo, Barcelona, 2005, e também “La revolución mundial de 1968. Cuatro décadas después”, em *Contrahistorias*, num. 11, México, 2008.
 18. Em nossa opinião, trata-se aqui da irrupção do subsolo ou da cultura popular que já mencionamos antes. E agora, podemos agregar que, desde nosso ponto de vista, sucede aqui em escala reduzida o mesmo processo postulado por Mijail Bajtin para explicar a obra de François Rabelais. Pois, de acordo com a sua tese, se o século XVI europeu foi preenchido pelo domínio da cultura popular devido a crise total da cultura medieval dominante e a ausência da conformação da nova cultura burguesa dominante, assim pensamos que no México, o período de 1921-1945, foi preenchido também pela cultura popular mexicana frente ao desaparecimento da velha cultura aristocrática porfirista e antes da afirmação da nova cultura burguesa mexicana, imitadora do vazio modelo cultural norte-americano. A respeito da tese de Mijail Bajtin, ver seu livro *La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento*, Ed. Alianza Editorial, México, 1990, e “Le forme del tempo e del cronotopo nel romanzo” en el libro *Estética e romanzo*, Ed. Giulio Einaudi, Turín, 1997.
 19. Roupas tradicionais femininas. [N.T.]
 20. Miguel Alemán Valdés (1900-1983), presidente do México de 1946 a 1952 pelo PRI. [N.T.]
 21. Para poder explicar e caracterizar essa relação conflituosa e complexa entre essa cultura dominante mexicana e a sempre viva e ativa cultura popular, vale a pena revisar as teses sobre os modos de funcionamento desta cultura popular e sobre suas complicadas relações com as culturas hegemônicas elaboradas em Carlo Ginzburg, *El queso y los gusanos*, Ed. Muchnik Editores, Barcelona, 1991, e *Historia nocturna*, Ed. Muchnik Editores, Barcelona, 1991, Bolívar Echeverría, *Definición de la cultura*, Ed. Itaca, México, 2002 e Carlos Antonio Aguirre Rojas, “Carlo Ginzburg y el modelo de una historia crítica para el análisis de las culturas subalternas” no livro *Retratos para la historia*, Ed. Contrahistorias, México, 2006, e “Indicios, lecturas indiciarias, estrategia indiciaria y saberes populares”, en *Contrahistorias*, núm. 7, México, 2006.
 22. Para uma caracterização mais ampla deste mesmo processo da Revolução Mexicana, ver nosso livro Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Contrahistoria de la Revolución Mexicana*, Ed. Contrahistorias, México, 2009, cuja linha argumentativa, em parte, sintetizamos neste ensaio.
 23. Sobre este impacto da Rebelião neo-zapatista no México e no mundo, vale a pena ver os 5 tomos de Comunicados escritos por eles em EZLN. *Documentos y Comunicados*, 5 tomos, Ed. Era, México, 1994 – 2003, e também os dois CD's EZLN: 20 y 10. *El fuego y la palabra*, Ed. FZLN, México, 2004. ver também Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Chiapas, Planeta Tierra*, Ed. Contrahistorias, 6ª edición corregida y aumentada, México, 2010, e *Mandar Obedeciendo. Las lecciones políticas del neozapatismo mexicano*, Ed. Contrahistorias, 5ª edición, México, 2010.

A Revolução Microeletrônica

Pioneirismos Brasileiros e

Utopias Tecnotrônicas

Francisco Assis de Queiroz



"Esta é uma pesquisa mais que oportuna, arguta e necessária. Sendo um estudo de história da tecnologia, ela aborda mais especificamente a história das relações da sociedade brasileira moderna com as tecnologias. É nesse sentido que ela surpreende, inova e atua como uma alerta. Porque essa relação sempre foi problemática.

O professor Francisco Assis de Queiroz tem histórias espantosas para nos contar. Como a do telefone, que demonstrado ao Imperador D. Pedro II nos Estados Unidos, pelo próprio Graham Bell, foi na sequência rapidamente introduzido no Brasil. Ou o caso

da televisão; ela chegou ao país logo após estrear em cinco nações desenvolvidas: Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda.

Com toda essa tradição de pioneirismo, não era de se esperar que o país fosse algo próximo de uma potência tecnológica? Nada mais fora de registro. Numa sociedade marcada por um profundo abismo social, a tecnologia funciona sobretudo como mais um, talvez até como o maior, signo de supremacia e privilégio." (Nicolau Sevcenko)

ANNA BLUME

FAPESP